

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR – ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAQUEL DE JESUS RODRIGUES RAMOS

**CULTURA DE PARES E CULTURA LÚDICA: BRINCADEIRAS NA
ESCOLA**

Manaus - Amazonas

2018

RAQUEL DE JESUS RODRIGUES RAMOS

CULTURA DE PARES E CULTURA LÚDICA: BRINCADEIRAS NA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do título de licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA na Escola Normal Superior- ENS em Manaus, sob a orientação da profa. Me. Kelly Christiane Silva de Souza.

Manaus - Amazonas

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R175c	<p>Ramos Rodrigues de Jesus, Raquel, Raquel de Jesus Rodrigues Ramos</p> <p>Cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola : Cultura de pares e cultura lúdica:brincadeiras na escola / Raquel de Jesus Rodrigues Ramos Ramos Rodrigues de Jesus, Raquel. Manaus : [s.n], 2018. 51 f.: il.; 2 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui bibliografia</p> <p>Orientador: Souza de Silva, Christiane Kelly</p> <p>1. Educação infantil. 2. Infância. 3. Criança. 4. Aprendizagem. I. Souza de Silva, Christiane Kelly (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola</p>
-------	--

FOLHA DE APROVAÇÃO

CULTURA DE PARES E CULTURA LÚDICA: BRINCADEIRAS NA ESCOLA

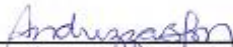
Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Aprovada em 03 de Dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Kelly Christiane Silva de Souza



Prof. Me Andrezza Belota Lopes Machado



Prof. Dra. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira

*Á minha filha Rebeca de Jesus Rodrigues Ramos
minha eterna inspiração. (In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu mestre por excelência, pois sem ele na minha vida eu não teria finalizado esse curso.

À minha vó e minha mãe que foram minhas grandes incentivadoras nesse sonho.

Ao meu esposo, por toda paciência, dedicação e cumplicidade para comigo nessa jornada da minha vida enquanto acadêmica, ao carinho e amor que dedicou e dedica à mim.

À minha orientadora professora Me. Kelly Christiane Silva de Souza pelos conhecimentos, carinho, dedicação, incentivo, compreensão e inspiração nesses momentos de orientação até a finalização desse curso.

“Se um pingüinho de tinta

Cai num pedacinho azul do papel

Num instante imagino

Uma linda gaivota a voar no céu”.
(TOQUINHO).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: UM DIÁLOGO EM TORNO DA INFÂNCIA.....	13
1.1 UM POUCO DE HISTORIA PARA ENTENDER O LUGAR DA CRIANÇA NA SOCIEDADE.....	13
1.2 INFÂNCIA E CULTURA DE PARES.....	18
1.3 INFÂNCIA E CULTURA LÚDICA.....	20
1.4 A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	23
CAPÍTULO II: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	25
2.1 IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA NA PESQUISA	25
2.2 QUANTO AO PARADIGMA DA PESQUISA.....	25
2.3 QUANTO AO TIPO DA PESQUISA.....	27
2.4 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS	28
CAPÍTULO III: UM DIÁLOGO A PARTIR DO QUE VIVENCIAMOS	29
NA PESQUISA	29
3.1 DO LÓCUS DA PESQUISA.....	29
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	31
I CATEGORIA DE ANÁLISE DE DADOS: O olhar do professor (a) de Educação Infantil mediante a infância, e cultura lúdica: brincadeiras na escola	33
II CATEGORIA DE ANÁLISE DE DADOS: Cultura de pares e brincadeiras na escola	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema: cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola e teve como eixos norteadores as seguintes questões: como ocorre as culturas lúdicas na brincadeira? Que importância o ato de brincar tem na construção do conhecimento da criança? Quais contribuições a cultura do brincar agrega ao desenvolvimento integral da criança? O que o professor(a) entende por infância? A escola tem privilegiado a brincadeira? além disso os objetivos que nortearam a pesquisa foram: conhecer os modos de brincar e interagir das crianças, identificar as culturas de pares apresentadas nas brincadeiras e analisar as contribuições que o brincar agrega ao desenvolvimento integral da criança. A partir de uma abordagem qualitativa foi desenvolvido inicialmente uma pesquisa bibliográfica baseada nos aportes teóricos de autores como: VYGOTSKY, 2007, ARIÈS, 1983, WINNICOTT, 1982, FORTUNA, 2003, RAMOS, 2002, MATOS, 1993, MOURITZEN, 1998, NUNES E PEREIRA, 1996 dentre outros. Para um melhor aprofundamento foi realizada uma pesquisa de campo, fazendo uso dos instrumentos de observação participante e entrevista livre. A discussão dos resultados girou em torno do método de análise de conteúdo, que foi organizado em duas categorias sendo: I categoria de análise de dados: o olhar do professor(a) de Educação Infantil mediante a infância, e cultura lúdica: brincadeiras na escola e II categoria de análise de dados: cultura de pares e brincadeiras na escola. O trabalho está tecnicamente organizado em três capítulos que se complementam no sentido de responder as questões que nortearam o estudo, conclui-se que o brincar auxilia a criança em sua comunicação, e assim melhorar sua linguagem, facilitar o crescimento e levar a criança aos relacionamentos grupais.

Palavras-Chave: Educação Infantil, infância, criança e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por título “**Cultura de Pares e Cultura Lúdica: Brincadeiras na Escola**” no primeiro momento buscaremos fazer um breve relato histórico sobre a infância e como essa era vista, a fim de situar o leitor na problemática que norteou a pesquisa, bem como os objetivos, os caminhos metodológicos, e as indagações que nos levaram para um possível entendimento da situação sobre a infância que teve início nas disciplinas de estágio I e III.

Primeiramente será exposto o “não lugar” que durante tempos a criança ocupou, além da falta de reconhecimento de suas especificidades, visão essa que a sociedade propagou durante anos, se preocupando apenas com questões médico-higienistas, descaso esse, visto através das altíssimas taxas de mortalidade infantil.

Na antiguidade as questões relacionadas à infância não assumiam um lugar de destaque, uma vez que, a criança não tinha voz e nem vez, sendo negado o seu direito de brincar e viver a infância, foi somente por meio de estudos que esta visão retrógrada se modificou, e a infância assumiu seu papel de destaque.

A partir de estudos o olhar da sociedade tem se modificado referente às questões sobre à infância e seus direitos, que por muito tempo foram negados e oprimidos por questões culturais e visões errôneas com relação a essa fase.

Neste sentido, apuraram-se questões que foram levantadas por meio de uma observação da realidade que buscou conhecer de maneira mais aprofundada, e assim entender os seguintes questionamentos: como ocorrem as culturas lúdicas na brincadeira? Que importância o ato de brincar tem na construção do conhecimento da criança? Quais contribuições a cultura do brincar agrega ao desenvolvimento integral da criança?

Essas questões surgiram a partir da inserção por meio das disciplinas de Estágio Supervisionado I e III que permitiram um olhar mais demorado sobre as indagações que se apresentaram no decorrer da vivência no ambiente onde surgiu o tema para a pesquisa.

Seguindo essa linha, a pesquisa buscou em seu objetivo geral, compreender os modos de brincar e as interações entre as crianças, e como esta, pode através das brincadeiras na escola construir sua própria cultura.

A pesquisa teve por objetivo responder às indagações anteriormente citadas, a partir da visão do professor (a) e da própria voz da criança, sendo vista como sujeito de direitos, ativo, criativo e protagonista de suas ações, no sentido de entendê-la como sujeito construtor de uma cultura própria, e não mero reprodutor de aspectos da cultura adulta, sendo capaz de participar dessa pesquisa.

A metodologia construída a partir de uma abordagem qualitativa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de cunho exploratória tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista livre e a observação participante.

Para favorecer ao leitor optamos pela seguinte organização técnica:

I Capítulo: Um Diálogo em Torno da Infância - neste capítulo discutiremos os aspectos históricos, pertinentes ao processo de construção da visão que se tem hoje de infância, mostrando nos estudos bibliográficos a cultura de pares, assim como a cultura lúdica e as brincadeiras na escola.

II Capítulo: Caminhos metodológicos - apresentaremos neste capítulo, uma breve discussão em torno da sociologia da infância e suas contribuições para o estudo com crianças, e posteriormente será abordado as escolhas no que diz respeito a abordagem, tipo de pesquisa e instrumentos para a recolha dos dados.

III Capítulo: Um Diálogo A Partir do Que Vivenciamos na Pesquisa -
neste capítulo, abordaremos a análise de conteúdo, apresentamos e discutimos a percepção do professor sobre a infância e a voz da criança sobre a cultura de pares e cultura lúdica brincadeiras na escola.

CAPÍTULO I: UM DIÁLOGO EM TORNO DA INFÂNCIA

1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA PARA ENTENDER O LUGAR DA CRIANÇA NA SOCIEDADE

O pensamento que a sociedade faz com relação à infância influencia diretamente no comportamento da criança e com isso acaba por modelar suas atitudes e seu modo de ser e agir frente ao mundo que as cerca. As expectativas que a sociedade faz estão diretamente ligadas aos interesses econômicos, políticos e sociais de cada época.

Conforme Ariès (1983), “esse descaso se fazia perceber na altíssima taxa de mortalidade infantil, o que tornou urgente a construção de políticas médico-higienistas”. Porém tais preocupações se ocupavam apenas com uma parte do problema, passada a fase de risco a criança era inserida no mundo, tendo como principal objetivo a luta pela vida.

A partir do projeto iluminista a infância é vista de dois pontos que se divergem, o primeiro pauta-se na questão de tempo e lugar das paixões e dos desejos que antecedem a fase adulta, negando com isso o espaço que a criança necessita para expor suas vivências sendo tolhida pelos adultos. A infância nesta época é vista como “depositária”, ou seja, é entendida como um reflexo daquilo que iremos ser quando adultos.

É válido ressaltar que a fase iluminista apesar da divergência com relação à criança, colocando-a em situações extremas, ora de “paparicação” ora de incompletude, contribuiu para outro tipo de olhar sobre a criança permitindo assim que fosse vista como objeto de estudo da ciência, o qual marca uma importante fase do homem com o conhecimento.

A fase iluminista traz significativas contribuições à infância onde a mesma passa agora a ser vista como objeto de estudo, o que passa a expandir o olhar

da sociedade quanto a ela, passando a ser vista como um processo pelo qual a criança precisa passar para então chegar à fase adulta.

O conhecimento que a ciência traz serve de marco para o entendimento da infância, pois a ciência assume o papel de explicar, catalogar e validar os estudos, assumindo assim um importante papel para os posteriores estudos sobre a infância e todo o processo pelo qual a mesma passa, servindo de estreitamento entre homem e sociedade.

É a partir disso que a infância sai da esfera do desconhecido, do misterioso ou até mesmo da antecipação do estágio da fase adulta, para ser conhecida, e só então, compreendida pela sociedade que desconhecia por completo todo o seu processo.

Apesar do projeto iluminista que tinha por objetivo livrar os homens do “não-saber” e assim dotar as pessoas de razão e conhecimento frente ao mundo, e o pioneirismo de inaugurar a preocupação com a criança e a infância, cabe explicar que, mesmo frente a esse pioneirismo com relação à fase de formação da criança, ele não tinha interesse em tratar das particularidades dessa etapa de vida. Pelo contrário, ainda se tinha um olhar de negação sobre a infância.

Com o olhar de negação a criança era vista como um adulto em miniatura, ou seja, a criança, o direito e o espaço de infância continuavam sendo negligenciado, pois a visão sobre a criança permanecia da mesma forma. A infância é vista nessa época como uma fase passageira, sem importância. Como nos lembra Nunes e Pereira (1996) “Crescer é tornar-se um ser de razão, e esse amadurecimento, tal como o das frutas na estufa, precisa ser aligeirado”.

A revolução industrial pautou-se sob a perspectiva do ideário de que “tempo é dinheiro” e desde então somos movidos pelo *tic tac* do relógio, onde o tempo não para e com isso conseqüentemente nós também não paramos. O progresso trazido pela revolução industrial estruturou-se na ideia de tempos bem definidos, como o passado, presente e futuro.

A ciência nesse tempo é fundamentada no método científico que tem por características a exatidão nos resultados e objetividade. De acordo com Matos (1993, p.7) “a realidade social é submetida a um método que se pretende universalizar e unitário: o método científico, organizado à base de procedimentos não sociais”. A ciência vista como exata e que poderia prever a partir de estudos, resultados, nos remete a ideia de uma ciência capaz de previsibilidade do tempo e consequentemente os diversos processos pelo qual o ser humano passa.

Mediante a questão de temporalidade, correria e presa ao qual estamos sujeitos todos os dias em nossas rotinas, vemos a questão da infância sendo deixada de lado, o que se pode observar com tal atitude é que mais uma vez a infância continuava sendo deixada em segundo plano pela sociedade. Algo que vale pontuar aqui, e creio que seja de suma importância ser colocado em destaque, é o fato de como cada sociedade se relacionava com a infância, uma vez que isto implica diretamente como ela era vista.

Conferida à ciência o papel de construtora de verdades, cabe à ela a autoridade sobre a educação da criança na era moderna. Sendo delegada aos psicopedagogos, psicólogos, e demais especialistas a função de estudar sobre a criança e suas especificidades, e assim definir o melhor para a sua educação e conhecimento. Quanto à família, a mesma fica com um papel indefinido no que se refere à orientação quanto ao conhecimento e educação dos filhos.

A modernidade trouxe consigo um novo olhar sobre a infância, o que antes era visto como algo ainda desconhecido, como um estágio da vida que deveria ser adiantado por vários fatores, hoje é visto com outro olhar. Mais o que viria a ser esse tempo e lugar da infância? Visto que ainda em nossos dias escutamos frases do tipo: o que você vai ser quando crescer? Ou ainda quando ouvimos alguém falando “isso não é coisa de criança” são exemplos de frases assim que nos remetem ao que viria a ser um desrespeito com o tempo- lugar da infância, é necessário rever as nossas falas e atentar para nossas atitudes, não se pode proferir um discurso quando a prática é outra.

Devemos parar para rever nossas práticas e nos perguntar se realmente estamos respeitando o tempo da infância, é devido a certos exemplos aos quais assistimos cotidianamente com relação ao processo de negação do direito à infância, que nos deparamos com pais que vestem seus filhos de forma adulta, colocando adereços que não pertencem ao universo infantil, tirando da criança o direito de decidir sobre seu corpo, e com isso acabam impondo algo que elas irão descobrir, ocasionando pelo aceleração de sua maturidade. É necessário uma profunda reflexão sobre tais atitudes, devemos parar para pensar no que temos feito e como temos agido frente a tal modernidade, ou será que está acontecendo uma confusão com os termo modernidade e aceleração? Bom, o que se sabe é que vivemos em uma sociedade moderna, mas isso não nos dá o direito de interferir no curso natural da vida e suas fases.

O termo modernidade de acordo com algumas pesquisas realizadas significa estado ou qualidade, enquanto que aceleração significa ato ou efeito de acelerar algo, que no caso é o tempo destinado a infância. Vivemos em uma correria sem fim onde o tempo tem se tornado curto, as vinte e quatro horas do dia já não são suficientes para tantas coisas que nos destinamos a fazer durante o dia.

Essa correria toda citada anteriormente acaba por refletir em nossas ações e até mesmo atitudes quanto às inúmeras coisas ao nosso redor, uma delas, por exemplo, é o aceleração no crescimento de frangos, legumes dentre outros. Mais o que isso implica com o assunto em questão que vem a ser a infância? Em minha opinião são questões corriqueiras de nosso dia-a-dia que nos fazem refletir o quanto as pessoas vivem uma vida agitada, o que acaba por refletir até mesmo nos alimentos, em vez de esperar pelo crescimento natural dos animais, por que não acelerar? Afinal como já falado, tempo é dinheiro.

E com todo esse aceleração em diversos setores da sociedade, nos deparamos com a situação ao qual foi descrita acima, vivemos em um mundo onde as pessoas não têm mais tempo para apreciar coisas simples da vida, preferem ficar cada uma no seu “mundinho virtual” do que parar para conversar pessoalmente. E no meio desse turbilhão de coisas tem algo chamado “Infância”,

sim aquela fase que todo mundo já passou, vai passar ou ainda está vivenciando, o que é mais triste disso tudo é ver que muitos pais estão acelerando essa fase tão especial na vida das crianças.

Vale ressaltar ainda que os meios midiáticos contribuem para uma infância recheada de atrativos da fase adulta, fase ao qual será vivida posteriormente, mais que devido a tantos apelos pela parte da mídia, os amigos, pais e familiares a criança se ver obrigada a crescer e deixar de lado sua infância.

A partir de estudos e pesquisas, foi possível haver um grande avanço no que se refere ao conceito de infância, o que outrora era deixado de lado, ou visto como sem importância, agora ganha o seu espaço, seja na elaboração de artigos sobre o tema, livros e até mesmo na formação do profissional da educação infantil o qual irá lidar diretamente com a criança que está em formação, atuando como um professor mediador em seu processo de educação, e assim respeitando o seu espaço de aprendizagem. Atualmente a criança ganha o seu próprio espaço na sociedade, vista por outra ótica, agora como um cidadão de direitos e deveres.

Nas palavras de Mattoso in Del Priori (1992) as crianças não eram percebidas, nem ouvidas. Nem falavam, nem delas se falava. Hoje este olhar já tem sido desmitificado, a criança de hoje passa não somente a ser percebida, mas notada. A sua fala é levada em consideração, pois como já falado, a partir de estudos sobre a criança e a infância ela passa a ganhar o seu espaço perante a sociedade.

O olhar que a sociedade tinha a respeito das crianças se modificou ao longo dos anos, pois toda e qualquer criança é sempre criança independentemente da classe social, raça, cor ou credo. Ser criança está para além dessas questões, a infância assim como todas as demais fases da vida precisam de atenção, cuidado e respeito.

1.2 INFÂNCIA E CULTURA DE PARES

A escola se constitui em um importante espaço de aprendizagem para as crianças, sendo ela o segundo local em que as crianças mais convivem. Porém ao contrário do que muitos pensam a escola não se resume ao único local de aprendizagem, ou à sala de aula como único espaço de troca de conhecimentos, sabe-se que a criança aprende pelos mais diversos meios, sejam eles de mídia, brincando sozinha ou com seus pares.

A escola muita das vezes é vista como o único local capaz de ensinar, ou ainda acredita-se que o professor é o único detentor do saber, e quanto ao aluno é apenas um receptor de conhecimentos, uma visão que se tinha na década passada, e infelizmente ainda é vista em muitas escolas.

A instituição escolar de forma indiretamente tem inibido as culturas infantis, pois com suas inúmeras cobranças para que a criança saiba ler e escrever deixa um pequeno espaço, quando esse existe, para que as crianças possam se expressar de maneira livre, sem que haja a interferência de adultos dizendo o que fazer e como fazer para a criança.

A cultura de pares definida de acordo com Corsaro (2011, p. 128) “[...] como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais”. O autor ainda destaca outros aspectos vistos por ele como inovadores da participação infantil. De acordo com o autor supracitado “[...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações” (Corsaro, 2011, p. 31).

O autor cita que não se trata apenas de imitação do mundo adulto, pois as crianças se adaptam as brincadeiras para melhor atender seus objetivos particulares, pois “[...] as crianças não imitam simplesmente modelos adultos nessas brincadeiras, mas antes elaboram e enriquecem continuamente os modelos adultos para atenderem a seus próprios interesses” (Corsaro, 2009, p.

34). Em outras palavras a criança no percurso das brincadeiras, não coloca apenas situações do cotidiano adulto, mas suas impressões pessoais.

Ainda sobre a cultura de pares, Sarmiento (2003:14) defende que a mesma possibilita as crianças apropriarem-se do mundo que as rodeia e, também, reinventá-lo e reproduzi-lo, em uma relação de convivência que permite “exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano”.

A escola como já citado anteriormente é o espaço que as crianças passam uma boa parte do seu tempo e conseqüentemente convivem com as demais crianças e é a partir dessa convivência que a cultura infantil é construída, onde grande parte de suas experiências e o contato com diversas crianças acontece. Considerando ainda que a escola é um espaço diferente para que se aconteça as interações com pessoas que ocupam funções que não sejam a familiar, é quando a criança deixa de ser exclusivamente familiar e passa a se tornar social.

A criança enquanto protagonista do seu processo de construção deve ser entendida como sujeito atuante capaz de opinar e decidir por si mesma, porém muitas vezes ela é tolhida pelos adultos, sendo vista como incapaz de aprender ou ensinar quando essa está em contato com seus pares. Para o adulto ainda é muito difícil compreender a participação da criança como sujeito tomador de decisões frente à sua realidade.

É preciso que haja uma mudança de pensando em relação à criança e assim uma maior valorização na capacidade das crianças, superando assim a ideia de incapacidade que se tem com relação a elas, para que assim a participação infantil seja uma realidade social.

1.3 INFÂNCIA E CULTURA LÚDICA

A cultura lúdica antes de qualquer coisa é a representação que a criança utiliza para fluir a sua imaginação, em outras palavras nada mais é do que o mecanismo que a criança utiliza para reproduzir o seu cotidiano através da brincadeira.

A brincadeira é a primeira forma que a criança encontra para produzir e reproduzir a sua cultura. É por meio dela que a criança interage, socializa e reproduz situações vivenciadas em seu dia-a-dia.

Ao longo da história temos visto que a brincadeira se constitui na primeira forma que a criança encontra para vivenciar situações irreais, que na verdade se misturavam ora reais, ora irreais o que dependia muito da subjetividade de cada criança.

É comum haver confusão com os termos jogo e brincadeira, primeiramente antes de adentrar no assunto propriamente dito, que vem a ser a cultura lúdica, é imprescindível que fique claro a função que o jogo e a brincadeira desempenham na sociedade. Jogo e brincadeira são palavras que facilmente podem ser confundidas, pois ambos têm a finalidade de entreter e passar o tempo.

Kishimoto (2008) relaciona brinquedo e brincadeira com a criança, o que não pode ser confundido com o jogo, que é mais utilizado por adultos, o que também pode ser entendido de maneira equivocada, pois existem brincadeiras livres que tem um caráter similar ao da brincadeira dirigida, que vem a serem brincadeiras que fazem o uso de regras.

A cultura lúdica é diferenciada no que diz respeito ao meio social ao qual a criança está inserida, cidade que reside, bem como o sexo da criança. A cultura lúdica contemporânea ainda que se observem fatores comuns ao universo de meninos e meninas, é visível que ainda existem diferenças nas brincadeiras, as ditas de meninas e de meninos.

A cultura lúdica faz uso do brinquedo como elemento enriquecedor para a construção de uma cultura lúdica, que tem como uma de suas características principais o não estabelecimento de regras, sendo formada pelos indivíduos que dela fazem parte.

No jogo, afirma Alves (1994), a criança experimenta as possibilidades de ação que a cultura exige, mas sem ter ainda as plenas condições para tal. No jogo a criança experimenta a partir da brincadeira situações que fazem parte de seu cotidiano, bem como dirigir, pilotar um avião, trabalhar dentre outras. Por meio da situação criada pela criança, projetada pelo seu imaginário a criança parte de elementos que tenha visto, e que passa a reproduzir no ato da brincadeira, fazendo uso do objeto concreto, o brinquedo.

Como já dito anteriormente, a cultura lúdica irá depender muito do contexto da criança, do local onde a mesma vive, pois se sabe que uma criança que reside em área periférica não tem os mesmos brinquedos, ou modo de brincar de uma criança que possui um poder aquisitivo mais elevado, a priori as brincadeiras ainda que possuam pontos comuns, em seu desenvolvimento iremos perceber a individualidade que cada classe possui, ficando visível no modo de brincar de cada criança.

A cultura lúdica acontece a partir da atuação de cada autor, que no caso são as crianças, possui característica livre, o que a diferencia do jogo, que tem por princípio as regras que nortearam o seu desenvolvimento. Ao contrário da cultura lúdica que é pautada na livre escolha de cada criança, é a sua cultura, ela é quem cria as regras da brincadeira, ela é protagonista de todo o processo.

A cultura lúdica compreende-se num espaço de livre criação para a criança, visto que a mesma pode ser a principal responsável pelo seu brincar, criando assim suas próprias formas de brincar, possíveis regras e contexto ao qual irá ocorrer a brincadeira. “A cultura é algo peculiar, relativo às atividades humanas, produções, formas de expressão, comportamentos e instituições sociais gerados, processados e formatados por um tempo particular”

(MOURITZEN, 1998, p. 21)

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na infância. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências de vida, assim as crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de enxergar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência. (WINNICOTT, 1982, p. 163)

A citação acima nos mostra claramente que a criança precisa ter o seu espaço para brincar, pois é onde a mesma tem sua liberdade de expressão, passa a criar suas próprias brincadeiras, além disso, o espaço do brincar se constitui num espaço enriquecedor para o desenvolvimento da criança bem como para o seu aprendizado.

Algo que cabe aqui ressaltar é que o brincar estabelece um espaço que a criança tem para se comunicar, e assim desenvolver melhor sua linguagem. (WINNICOTT, 1975, p. 63) E para ele “[...] é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais [...]”.

Uma das primeiras relações de afeto que o autor destaca é com relação à de mãe e filho, visto que ela começa antes mesmo do bebê vir à nascer, sabe-se que a relação materna é uma das mais fortes e a primeira, e talvez por conta disso o autor dentre tantos outros, apontou a relação de mãe e filho.

Portanto, vemos o quanto a cultura lúdica e a brincadeira estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento da criança, e não somente isso, mas em toda sua integralidade, pois para além de um espaço de lazer e divertimento, a cultura lúdica pauta-se no espaço que a criança encontra para ser livre, criar, e ser protagonista de suas brincadeiras.

1.4 A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A brincadeira estabelece uma zona de desenvolvimento proximal com a criança, segundo Vygotsky (2007) apontou em seus escritos, a partir disso vemos a brincadeira como um espaço de grande potencial para a aprendizagem das crianças.

A partir da familiarização que a criança possui com o universo da brincadeira, isto se torna um facilitador para o desenvolvimento da criança, uma vez que a criança não precisa ser ensinada a brincar, ou estimulada para tal ação. Isto está inato à ela.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o brincar não é uma mera atividade sem importância, de cunho natural. Cabe lembrar que o ato de brincar se constitui numa maneira básica de viver, pois se constrói na forma que a criança encontra para expressar-se em sua integralidade.

Os teóricos apontam a importância da utilização do brincar em atividades escolares, pois serve como um estímulo para a criança desenvolver seu cognitivo e social. O brincar social está ligado ao nível de interação estabelecido pelas crianças umas com as outras, enquanto que o brincar cognitivo mostra o grau de desenvolvimento que a criança se encontra.

Segundo Fortuna (2003), é importante que o educador insira o brincar em um projeto educativo, com objetivos e metodologia definidos, o que supõe ter consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem dos alunos.

Algo muito frequente que se encontra nas escolas de Educação Infantil é com relação à falta de espaços para o lazer das crianças, ou ainda um pequeno espaço de tempo para elas brincarem no recreio. O que torna o espaço da brincadeira delimitado, e com isso tende por restringir à liberdade das crianças quanto ao seu processo de criação, interação, dentre outros.

Segundo Vygotsky a brincadeira possui três características, a imaginação, que é quando a criança cria uma situação em sua mente e transmite para o brinquedo, a imitação, que se assemelha a situações que a criança vive em seu cotidiano e a regra, que como o próprio nome já diz, são as brincadeiras de regras, onde a criança cria ou segue as que já existem em determinada brincadeira.

Cada uma das características descritas acima está sujeita a aparecer em uma ou mais brincadeiras, sejam elas de regra, faz de conta, tradicionais e até mesmo o próprio desenho, levando em conta que pode ser considerado como uma atividade lúdica.

Como afirma Vygotsky (1999, p. 123) “a situação imaginária não era considerada como uma característica definidora do brinquedo em geral, mas era tratada como um atributo de subcategorias específicas do brinquedo”.

A partir do exposto acima, observa-se que a brincadeira segundo o autor supracitado, é de suma importância, pois trabalha na criança o cognitivo, regras sociais e valores.

De acordo com Vygotsky (1999, p. 134-135) a brincadeira é uma atividade que estimula no que se refere à aprendizagem, pois ela vai criar uma zona de desenvolvimento proximal:

No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento.

O brinquedo que é o objeto em si cria essa aproximação com a criança mediando toda a brincadeira, visto que ele sob manuseio da criança se torna coadjuvante no processo de desenvolvimento.

A brincadeira possui uma importância significativa como temos visto, ela se consolida num espaço de aprendizagem, desenvolvimento, e ao mesmo tempo de liberdade para criação, manipulação de objetos, imaginação e imitação. Como bem ilustra Wajskop (1995, p. 34) “a brincadeira como atividade dominante da infância tendo em vista as condições concretas da vida da criança e o lugar que ela ocupa na sociedade, é, primordialmente, a forma pela qual está começa a aprender”.

Portanto, a brincadeira vista pelo olhar do professor enquanto espaço de aprendizagem, se torna um lugar de conhecimento mútuo

CAPÍTULO II: CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA NA PESQUISA

A metodologia ocupa um importante papel na construção da monografia, tendo por função articular o pensamento do investigador, os procedimentos e o conjunto de técnicas que possibilitam a elaboração da pesquisa. Dessa forma este capítulo tem por objetivo abordar os caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa, e assim evidenciar como se desenvolveu todo o processo.

2.2 QUANTO AO PARADIGMA DA PESQUISA

A pesquisa de caráter qualitativo consiste em um estudo científico que visa à subjetividade do objeto ao qual será investigado, procurando entender as suas particularidades e experiências individuais.

Desse modo a presente pesquisa teve por objetivo compreender os modos de brincar e as interações entre as crianças, tendo como ponto de partida as indagações que surgiram a partir do contexto educacional onde se originou o estudo, ou seja, os locais onde se realizaram os estágios, à medida que procurou-se conhecer à luz das teorias já estudadas a realidade em que o objeto

de pesquisa estava inserido. Dessa forma “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também pode demandar a criação de novos referenciais”. (MINAYO, 1994, p. 18)

Os conhecimentos estudados anteriormente, também chamados de teoria foram construídos por estudiosos que lançam mão sobre um determinado assunto nos permitindo ter um embasamento do objeto de pesquisa ao qual deseja ser abordado. “A teoria é construída para explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos. Este conjunto citado constitui o domínio empírico da teoria, pois esta tem sempre um caráter abstrato”. (MINAYO, 1994, p. 18)

A pesquisa qualitativa preocupa-se em responder a questões muito subjetivas, sua atenção destina-se para um nível de realidade que não pode ser quantificada por tratar de questões muito particulares da realidade social. Assim, a pesquisa qualitativa preocupa-se nos “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde à um nível mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1994, p. 22)

A importância da pesquisa consiste em mostrar a brincadeira e as interações que dela se originam, trazendo um novo olhar para este fenômeno que apesar de inúmeras pesquisas sobre a infância e o seu processo, tem sido alvo de poucas especulações, uma vez que, sabe-se que a brincadeira está intrinsecamente ligada à criança em todo o período da sua infância.

A brincadeira faz parte de uma realidade social e por esta ser parte da realidade atinge diferentes etapas ao qual a educação básica se constitui, dessa forma está se faz presente no contexto educacional, de modo mais frequente na educação infantil, fase que a brincadeira acontece com maior intensidade, e por isso este motivo optou-se por fazer a observação na fase que compreende a educação infantil.

A brincadeira pode ser vista de diferentes ângulos, desde uma forma de passa-tempo, até um olhar mais minucioso, pois sabemos que o modo como a criança se relaciona com ela é algo muito subjetivo, e que a realidade em que a criança está inserida assume grande influência no modo como a criança se relaciona com a brincadeira.

2.3 QUANTO AO TIPO DA PESQUISA

A pesquisa exerce a atividade básica de indagação e construção da realidade, é a pesquisa que possibilita a construção de novos olhares frente ao mundo articulando a teoria e a prática.

A pesquisa exploratória permite ao investigador um primeiro contato em campo, auxilia na busca por informações do objeto de pesquisa e levantamento de dados para um melhor esclarecimento com relação à pesquisa que se deseja pesquisar.

A educação infantil foi escolhida como alvo de estudo, pois é nessa fase que o brincar acontece com uma maior predominância, além de ser o eixo norteador do currículo da educação infantil, sendo primordial que os educadores façam uso em suas práticas diárias em sala de aula. Dessa maneira observou-se as diferentes posturas que os mesmos possuem com relação à brincadeira em sala de aula.

Apesar de uma temática constante no contexto da educação infantil, e uma atividade dominante na infância, a brincadeira não tem assumido um lugar central nas práticas de muitos profissionais que atuam na área, seja por desconhecimento do assunto, ou porque consideram uma atividade sem finalidades relativamente importantes para a aprendizagem. Assim optou-se por esclarecer as várias facetas que a brincadeira pode assumir no ambiente escolar, além de expor o pensamento dos professores com relação à brincadeira na escola.

A pesquisa não tem por intuito esgotar o assunto e as mais diversas hipóteses, ideias e concepções que se tem sobre a brincadeira, levando em

consideração que os modos de brincar das crianças bem como as interações que dela se originam atuam como um campo inesgotável de pesquisas, mas o de apontar sobre a importância do assunto para a infância, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança.

2.4 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Os instrumentos utilizados para a construção dos dados foram a entrevista livre e observação participante tendo como foco as brincadeiras em sala de aula e a mediação realizada pelo professor nos momentos de brincadeiras na educação infantil.

As observações foram realizadas em um Centro Municipal de Educação Infantil- CMEI que fica localizado na zona Centro-Sul de Manaus, em uma turma do segundo período. De forma que as observações ocorreram de maneira participante nos períodos de estágios supervisionados, fazendo uso de registro em caderno de campo, pois somente por meio de observação e registro seria possível compreender como acontecem os modos de brincar e as interações entre as crianças na escola.

Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”

A partir da técnica de observação participante para a coleta dos dados, foi possível imergir no ambiente natural dos sujeitos observados, para melhor entender seus modos de ser e agir no momento da brincadeira, bem com as relações estabelecidas a partir dela.

A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central (HAGUETE,1995).

A entrevista não estruturada ou livre consiste em uma conversa, não uma simples conversa, mais uma conversação com um propósito definido, no qual seria o de obter informações para uma investigação.

A entrevista livre permite ao participante ampla liberdade e flexibilidade para responder, além de respeitar o tempo e o ritmo de cada um para que esse se expresse. O entrevistador tem um objetivo específico, que procura atingir sem pressionar o respondente.

CAPÍTULO III: UM DIÁLOGO A PARTIR DO QUE VIVENCIAMOS NA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados que foram construídos durante a pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa.

Primeiramente será realizada uma breve descrição, tendo por base as impressões pessoais do local escolhido para a pesquisa destacando o ambiente da sala de aula. Posteriormente fazendo uso da observação participante e entrevista livre realizada com a professora titular da classe pretende-se compreender a concepção que a professora possui sobre cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola.

E por fim, serão apresentadas as observações realizadas no ambiente escolar, tendo em vista compreender os modos de brincar e as interações entre as crianças da educação infantil.

3.1 DO LÓCUS DA PESQUISA

As observações foram realizadas em um Centro municipal de Educação Infantil- CMEI localizado na zona Centro-Sul de Manaus, na sala do 2º período A, com estimativa de 25 alunos, com média de 5 anos de idade. De maneira que as observações ocorreram de forma participante, pois somente por meio de um

diálogo com os sujeitos desse processo seria possível compreender a concepção de infância que a professora titular da classe possui, uma vez que a mesma atua como mediadora no processo de aprendizagem das crianças que atuam como protagonista desse processo, tornando-se possível conhecer os modos de brincar e as interações que surgem deste momento enquanto espaço de troca entre os pares.

O CMEI dispõe de três pavilhões destinados as atividades pedagógicas da escola. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) as salas de aula são amplas e arejadas, mas o que se constatou nas observações não condiz com o proposto pelo documento, pois o que se observou foi uma variação de tamanhos de sala, além de infiltrações nas paredes das salas quando chove, e uma quantidade significativa de mofo, podendo ocasionar doenças respiratórias nas crianças.

No primeiro pavilhão contem: 05 salas de aula, 01 laboratório de informática, 01 secretaria, 01 banheiro para os meninos, 01 banheiro para as meninas.

No segundo pavilhão, contém 01 banheiro de funcionários, 01 banheiro infantil feminino, 01 banheiro infantil masculino, 01 sala de aula, 01 sala de recursos, 01 diretoria, 01 biblioteca, 01 ludoteca/ brinquedoteca, 01 depósito de merenda escolar e 01 refeitório.

Por fim, no terceiro pavilhão, tem: 03 salas de aulas (cada uma com 1 banheiro infantil), 01 gabinete odontológico e 01 almoxarifado. As atividades comemorativas são realizadas no Salão Social, pertencentes ao parque onde a escola está localizada.

O CMEI observado a partir da inserção da disciplina de Estágio I e III possui uma grande dificuldade se tratando de infraestrutura, sendo ela diferenciada das demais escolas por estar localizada em um parque, apesar de ser um lugar arborizado e acolhedor, com espaço para diversas atividades sociorecreativas, é um espaço aberto à comunidade e por este fator são

disponibilizados funcionários para guardarem as portas dos banheiros para impedir que as pessoas façam uso do banheiro, e também para acompanhamento dos alunos da sala de aula para o banheiro.

O parque conta com diversos espaços para a realização de atividades, porém a maioria delas são realizadas no pátio coberto pertencente à escola, pelo fato de ser necessário agendamento para utilização dos espaços pertencentes ao parque, além disso existe também o receio por parte da escola em relação à segurança das crianças, levando em conta o fato de ser um lugar aberto aos comunitários e um lugar de onde o fluxo de pessoas é intenso, o que se torna um ponto negativo para a segurança das crianças, ocasionando um certo temor por parte da escola.

Um dos maiores problemas observados foi a falta de segurança, devido a escola estar em um local aberto ao público, analisou-se ainda que a mesma não possui autonomia para fechar os portões e impedir o acesso da comunidade sem que esta possua autorização para adentrar as dependências, e por este motivo as salas de aulas são trancadas na chave, o que acaba por ser a única segurança que a escola pode oferecer às crianças.

A sala da secretaria e da diretoria/ coordenação pedagógica são muito pequenas o que impede a movimentação dos pais que costumam ir à escola, e das crianças que se sentam para esperar seus pais lhe buscarem quando não chegam na hora certa em que o sinal toca. Além disso, a brinquedoteca/ ludoteca que a escola possui, local que deveria ser utilizado pelas crianças, são trancafiados à sete chaves, se tratando de decoração e brinquedos é um lugar encantador, com diversos brinquedos que encantam qualquer pessoa, imagine as crianças, porém, o que se observou foi que muitos deles ainda nem foram abertos, ou seja, ainda estão lacrados servindo apenas de enfeite na sala para visualização das pessoas que ali adentram.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A percepção que tive a princípio em relação às crianças, de um modo geral, é que são crianças inteligentes, carinhosas, alegres e dispostas a

aprender. Ao olhar aquelas crianças de maneira rápida e superficial não se consegue ter a dimensão da história de vida de cada uma, porém, a partir do momento em que comecei a conversar um pouco com cada uma delas, pude de certa forma entender o porquê de certos comportamentos agressivos, palavras inadequadas e uma agressividade gratuita com os colegas de classe.

Foi a partir de então que pude perceber que cada criança possui a sua própria história, e juntamente com ela, advém uma série de outros fatores, como a questão social que cada uma possui, a bagagem de conhecimentos que cada uma possui antes mesmo de adentrar à escola e ter contato com as demais crianças de mesma faixa etária.

Segundo a professora que será chamada por um nome fictício de Lurdes, a turma é um tanto agitada, não se sabendo o porquê, pois de acordo com a fala dela a turma do 2º período que outrora pertencia a uma ótima professora mudou totalmente seu comportamento, se tornando agitada e barulhenta e um tanto difícil de controlar.

Ao observar a turma em seu dia-a-dia pude perceber que a fala da professora se mostrava equivocada, em períodos aos quais a mesma me deixava tomando conta da turma, pude notar que são crianças agitadas sim, como qualquer criança que está gozando de plena saúde, mas nada que seja “difícil de controlar” coloco a palavra em aspas, pois ao se tratar de crianças não se tem um manual para controlar, e muito menos uma metodologia que ajude a deixá-las mais calmas, o que muitos professores se esquecem quando decidem por atuar no ramo da educação, é que irão lidar com seres humanos e estes não possuem um manual dizendo onde desligar ou um botão dizendo onde colocar em pause, são crianças e não objetos que deixamos em um lugar e eles ficam. As crianças por natureza são dotadas de uma energia que precisa ser extravasada e nada melhor do que extravasar toda essa energia, brincando.

I CATEGORIA DE ANÁLISE DE DADOS: O olhar do professor (a) de Educação Infantil mediante a infância, e cultura lúdica: brincadeiras na escola.

Neste tópico abordaremos a visão que a professora da sala de aula pesquisada possui sobre a infância, a cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola. Visando a sua percepção sobre o tema e as observações que foram realizadas na turma.

Primeiramente pontuo algo que julgo ser importante, pois para o recolhimento de dados foi necessário que se estabelecesse um bom relacionamento tanto com a turma quanto com a professora, o que ajudou muito no momento de recolher os dados, pois por meio de entrevistas livres e conversas informais que mais pareciam desabafos foi possível conhecer melhor a turma e a professora.

A professora Lurdes (nome fictício) sempre se mostrou muito receptiva a minha presença, além de muito solícita em me ajudar com tudo o quanto precisasse, a professora me via como um braço direito dela em sala de aula, pois sabia que poderia contar comigo para tudo, fala dita pela mesma.

A inserção na turma do 2º período ocorreu de forma espontânea no período de estágio III ao qual proporcionou a continuidade da pesquisa que se iniciou no estágio I no mesmo CMEI, porém, com professoras e salas diferentes o que contribuiu ainda mais para a construção de diferentes olhares em torno do tema da pesquisa.

A professora possui 22 anos de experiência no ramo da educação, sendo 15 anos dedicados à Educação Infantil formada pelo antigo magistério, recentemente finalizou o curso de Pedagogia na Universidade Nilton Lins, a mesma possui uma segunda formação em Arquitetura onde atuou durante pouco tempo por falta de vagas no mercado de trabalho, o que fez com que ela decidisse por iniciar no ramo da educação. Mediante os fatores que levaram a

professora a escolher o ramo da educação e curiosa em saber o porquê de tal escolha, fiz a seguinte pergunta:

Pesquisador: o que levou a escolher o ramo da educação, uma vez que já possuía outra graduação em Arquitetura professor (a)?

Professora Lourdes: *“Escolhi o ramo da educação porque vi que tinha mais chances de trabalho, e também porque sempre me identifiquei muito com crianças.”*

A partir da resposta da professora com relação à pergunta, foi possível constatar que ela escolheu atuar como docente por questões financeiras, e não porque se identificou com o curso ou com a profissão. Ainda afirma que, se identifica muito com as crianças o que não é suficiente para se trabalhar com elas.

Ao observar as práticas da professora em sala de aula, pude perceber que sua resposta não condiz com suas atitudes, pois mesmo afirmando se identificar com crianças, sua postura é bem diferente de sua fala, parece sempre estar em constante estado de estresse e sem paciência com as crianças, grita o tempo todo, e sua fala é carregada de palavras pesadas para serem ditas, principalmente com crianças.

Algumas vezes foi possível observar que a professora não leva em consideração a fala das crianças e passa por cima muita das vezes da ética profissional, digo isto, pois presenciei cenas e atitudes que me fizeram pensar enquanto futura professora.

Durante a observação em sala de aula, verificou-se uma relação conturbada entre professora e alunos, uma espécie de autoritarismo, pois a mesma falava sempre aos gritos com as crianças. O que me levou à seguinte pergunta:

Pesquisador: Descreva a relação existente entre professor-aluno na sua sala de aula.

Professora Lurdes: *“Eu realmente não consigo entender essa turma, ano passado ela era calma, obedecia a outra professora deles, mas esse ano eles se mostraram quem eles realmente são. Aqui a turma é difícil de lidar, precisa ter pulso firme se não eles montam em cima mesmo e aí já viu a bagunça rola solta, eu tento ser boa com eles, mas eles não sabem retribuir isso.*”

A fala da professora nos mostra uma relação bem **“conflituosa”** com as crianças, diz ainda que a turma é **“difícil de lidar”**, **“bagunceira”** e **“agitados”**.

De acordo com as observações que foram realizadas na sala de aula, pode-se constatar que a turma que ela julga ser difícil de lidar, é uma turma composta por crianças que estão em pleno desenvolvimento como qualquer criança, que corre, grita, brinca, chora e ficam felizes, comportamentos esses que ela aponta como bagunça e não como atitudes de crianças que estão na fase da descoberta, de desenvolvimento.

Na observação realizada em sala de aula, foi possível perceber que a relação existente entre a professora e os alunos-crianças é uma relação de opressor e oprimido uma vez que, a professora vive gritando com os alunos, como uma forma de oprimi-los e assim conseguir o domínio sobre a turma, enquanto isso, o que se pode ver são alunos sentados em fileiras e sem poder se mexerem, ou brincarem com medo da professora.

A relação professor-aluno não deve ser uma relação de medo, ou opressão, essa deve ser uma relação de respeito, de confiança, de afetividade algo que surja naturalmente, que não seja imposto de forma autoritária, mas que seja construído em parceria professor-aluno.

Um fato observado em sala de aula mostra a relação de autoritarismo que existe entre professora e alunos, quando certa manhã ao colocar músicas infantis para que eles dançassem, exclamou na frente das crianças:

'Eu vou deixar dançar, mas se bagunçarem eu paro a música e mando todo mundo sentar' (nota de campo – 18/04/2018)

A fala da professora mostra a relação de opressão que a mesma exerce sobre as crianças, colocando para as crianças que se não se comportarem serão punidas pelo por tal ato de “desordem”, pois o que a professora entende por bagunça, são reações de felicidade que as crianças externam mediante ouvir uma música que gostam.

Para de fato adentrar à temática proposta por esta monografia, realizei perguntas específicas que me permitem entender a concepção que a professora Lurdes possui sobre os conceitos de infância, cultura de pares, e brincadeiras na escola.

Pesquisador: Enquanto professora de educação infantil, o que você entende por infância?

Professora Lurdes: *“A infância pra mim é, não ter preocupação, só brincar e ser feliz.”*

Pesquisador: Para você, brincar é importante?

Professora Lurdes: *“A educação Infantil para mim deveria ser apenas brincadeiras, a brincadeira é onde eles se desenvolvem, sem precisar passar um monte de tarefas.”*

Por meio da fala da professora constatamos a percepção que a professora possui sobre a infância, onde ela faz as seguintes colocações, **livre de qualquer preocupação, que a criança só precisa brincar e ser feliz**. Diz ainda que a educação infantil deveria ser apenas **brincadeiras sem um monte de tarefas**.

A resposta da professora com relação ao conceito que ela carrega sobre a infância, retrata uma fala pertinente no vocabulário de muitas pessoas, dentre

os quais estão professores de Educação Infantil, colocando a infância como uma fase livre de preocupações, onde a criança apenas brinca, sem qualquer preocupação.

De acordo com Rosa (1988, p. 14)

[...] ser criança não é nada fácil, e hoje sabemos disso melhor, grande parte das dificuldades que enfrentamos como adultos na relação com o mundo e com os outros tem suas raízes fincadas naquele período remoto de nossa existência, marcado por muito sofrimento.

A infância, diferentemente da resposta dada pela professora, é uma fase que demanda preocupações, medos, e anseios como qualquer outra fase, é evidente que são preocupações diferentes das fases posteriores, mas em suma são importantes para as crianças que estão nessa fase da vida.

Referente à resposta da professora sobre a Educação Infantil ser constituída apenas por brincadeiras, é importante frisar que o brincar atua como eixo norteador de todas as práticas aplicadas pelos professores da Educação Infantil, com respaldo nos documentos norteadores dessa etapa de ensino.

Rosa (1988, p. 17) enfatiza sobre o fato de que a brincadeira é coisa séria, como é o caso do conhecimento, além de ser o espaço utilizado por elas para troca de informações entre os pares, e ao mesmo tempo de conhecimento, pois sem que ela perceba o aprendizado acontece. Dessa forma, para que ocorra um aprendizado significativo para a criança é importante que ela participe de todas as etapas destinadas no processo de definição da brincadeira, e assim possa aprender a tomar decisões, ou opinar sobre elas.

Diante disso, podemos dizer que a fala da professora expressa uma visão limitada daquilo que possa ser o brincar e suas variantes, alegando que o brincar serve apenas para o desenvolvimento das crianças, sem que seja necessário sobrecarregar a crianças com inúmeras tarefas, o que em partes, é verdadeiro, porém não se pode confundir o brincar como uma prática “*fast food*”, ou seja,

algo rápido para aula, o brincar deve ser intencional, o professor deve ter clareza naquilo que almeja com a brincadeira. Diante disso realizamos a seguinte pergunta:

Pesquisador: Para você, a escola é um lugar que tem privilegiado a brincadeira?

Professora Lurdes: “Bom, *eu acho assim, que a escola desenvolve muitos projetos que privilegiam a brincadeira, e isso tem sido um diferencial, muitas escolas por aí já estão adotando apostilas para as crianças irem logo se familiarizando com as atividades de escrita, inclusive aqui. Tem professores que utilizam.*”

A professora em sua fala coloca que a escola desenvolve **projetos que privilegiam a brincadeira**, porém faz uso de **apostilas** para que as crianças se familiarizem com as atividades de escrita. Diante disso, podemos notar que a instituição de ensino, ao mesmo tempo em que dá um passo em direção ao progresso, retrocede, pois quando a mesma utiliza apostilas que antecipam um estágio posterior, fazendo com que a criança dê lugar ao aluno e assim desenvolva atividades que poderiam ser apresentadas de uma forma mais lúdica, a criança acaba que por inibir sua capacidade de imaginação.

Apesar da professora Lurdes não fazer uso de apostilas, a mesma utiliza papeis para que as crianças façam desenhos livres, quando não entrega um desenho pronto para que a criança pinte com as cores escolhidas por ela, e assim ela coloque no mural da escola.

Quando terminar de pintar, eu deixo brincar (falou olhando séria para uma criança) caderno de campo – (19/04/2018)

Mediante a frase pronunciada pela professora, vimos que a mesma utiliza a brincadeira como recompensa por acabar uma atividade, colocando a brincadeira como uma atividade distinta da qual estavam praticando. Ao desenhar, pintar, colorir e contar sobre o que desenhou a criança está desenvolvendo sua linguagem oral, sua expressão artística e interagindo com seus pares possibilitando assim novos conhecimentos.

Diante do exposto nossa reflexão vai ao encontro à afirmativa de Rosa (1988, p. 56) [...] pensando a escola como espaço de trânsito entre a tradição e a criação vimos que potencialmente ela é um lugar onde é possível viver experiências muito interessantes [...].

II CATEGORIA DE ANÁLISE DE DADOS: Cultura de pares e brincadeiras na escola.

Nesta segunda categoria de análise apresentamos as crianças em suas práticas diárias e os fatos que foram observados em sala de aula nos momentos aos quais essas estavam entre seus pares.

A abordagem para que as crianças pudessem ser observadas, ocorreu durante os intervalos entre as aulas, e durante o recreio, pois acredito ser um momento onde as crianças estão livres da interferência dos adultos, podendo assim brincar, interagir com seus pares da forma que acharem melhor, e com isso tornaram-se momentos propícios para a observação e diálogos.

Durante os intervalos no meio das aulas, e o recreio, percebi que estando próxima à professora, havia certa resistência por parte das crianças com relação à minha presença, mas a partir do momento em que me distanciei da professora e me aproximei mais delas pude perceber que as crianças sentiram mais confiança ao conversar comigo.

A professora da sala de aula me proporcionava grande liberdade para observar as crianças enquanto estas estavam em suas práticas cotidianas em sala de aula e no recreio, pois somente a partir de uma estrita relação com os sujeitos protagonistas dessa pesquisa, seria possível compreender as relações entre si, no momento da brincadeira.

Ao me aproximar das crianças, surgiram às primeiras perguntas que demonstravam certa curiosidade com relação a minha presença em sala de aula, o que me oportunizaram um dos primeiros diálogos com elas e todas essas conversas, foram devidamente registradas.

- “ *Você é professora?* ”
- “ *Seu cabelo é dessa cor?* ”
- “ *Onde você trabalha?* ”
- “ *Você vai ficar aqui pra sempre?* ”

(Nota de campo – 25/04/2018)

Essas e as demais perguntas que surgiram no decorrer de nossas conversas foram todas respondidas com o intuito de sanar toda e qualquer dúvida que as crianças pudessem ter. Vale destacar que todas as crianças se sentiram bem à vontade ao participarem desta pesquisa, assim como tiveram liberdade na escolha de seus nomes fictícios, já que não temos autorização para usar seus nomes, preservando assim suas identidades.

No momento da escolha de seus nomes fictícios, acreditando ser uma brincadeira de faz de conta, as crianças na maioria meninas, escolheram seus nomes iguais aos das personagens de contos de fadas, e isso fez com que se sentissem bem à vontade para responder as perguntas, como se estivessem fazendo parte de um conto de fadas. Em contrapartida os meninos escolheram seus nomes iguais os de desenhos animados, nenhum referente aos contos. O que me fez fazer a seguinte pergunta:

Pesquisador: O que você mais gosta de fazer na escola?

Ana (5 anos): “Eu gosto de brincar com meus colegas”.

Homem de Ferro (5 anos): “Eu gosto de ficar correndo no pátio, fingindo ser o homem de ferro! ”

Capitão América (5 anos): “Estudar! ”

Hulk (5 anos): “Eu gosto de fazer tarefa e brincar, só que mais de brincar! ”

Elza (5 anos): “ gosto de dançar, quando a professora deixa”

Wolverine (5 anos): “Brincar, conversar com o meu amigo e lanchar”

Hulk/2 (5 anos): “Merendar, brincar e assistir vídeos”

Homem aranha (5 anos): “Estuda, encontra os amigos e lanchar”

A partir da fala das crianças, **“o brincar”**, **“o conversar com os amigos”**, **“o assistir vídeos”** e **“lanchar”** evidenciam que a maioria das crianças citam o brincar em primeiro lugar, o que nos mostra que mesmo estando na escola, sob supervisão da professora dizendo à hora certa ou não de brincar.

A criança brinca para se satisfazer, fugir daquela realidade, porque gosta e sente prazer em brincar com seus pares segundo Winnicott (1975) apud Rosa (1988, p. 45) por intermédio do brincar e do conhecer é possível reviver, em certo sentido, aquela experiência extremamente satisfatória de ilusão. Vygotsky (2007) diz ainda que na abordagem histórico cultural, brincar é satisfazer necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos.

Ao perguntar da Ana você traz brinquedos para a escola? O Homem Aranha que estava ao lado, rapidamente respondeu:

-“ Não! ” E continuou:

-“ A professora disse que não pode, por isso a gente não traz, só as vezes ela deixa! ”

Ana : “ Ela disse que aqui a gente vem pra aprender”

(Nota de campo – 18/05/2018)

A fala do Homem Aranha mostra que ele tem consciência de que não se pode trazer brinquedo para a escola, por uma imposição da professora, disse ainda que a mesma deixa só às vezes. Rosa (1988, p. 68) diz sim, a escola é um lugar onde também se pode no sentido de que cabe ou é permitido brincar.

Mesmo diante de um condicionamento, atribuído pela professora, dizendo que as crianças vão para a escola para aprender, sufocando assim a infância e ocasionando o abandono do ser criança, percebi que ainda assim existem crianças que levam brinquedos escondidos em suas mochilas, e quando a professora não está presente na sala, tiram da bolsa para brincar e viver uma situação ilusória imediata.

Diante disso, pude perceber que a professora não entende o real significado do brincar, não se atenta a ensinar seus alunos o real valor da brincadeira, ou ainda não estimula ainda mais essa atividade que é inata às crianças. De acordo com Rosa (1988, p. 85): O professor também brinca. Mais do que isso ensina aos seus alunos o valor da brincadeira no território da cultura, sem o que nenhum significado real é encontrado na serenidade que lhe é imposta em contrapartida. O que nos motivou a fazer a seguinte pergunta para as crianças:

Pesquisador: O que você faz na escola?

Elza (5 anos): “Eu gosto de fazer tarefa! ”.

Homem Aranha (5 anos): “ Gosto de brincar, de carrinho, de monstro, de brinquedo que a professora dá”.

Branca de Neve (5 anos): “Assistir desenho, brincar com as minhas amigas”.

Homem Formiga (5 anos): “Eu gosto de desenhar”.

Ana (5 anos): “Brincar, estudar, aprender”.

Wolverine (5 anos): “Brincar de manja – pega lá na grama”

Hulk (5 anos): “Assistir televisão e brincar”

Cinderela (5 anos): “Brincar”

De acordo com as respostas dadas pelas crianças, fica evidente que a atividade que mais gostam de fazer na escola é brincar, e que está é presente tanto na primeira resposta quanto na segunda, ficando claro que é uma atividade dominante na infância, independente do momento ser oportuno ou não. Na escola é lugar em que mais se ouve frases do tipo: “estudar não é brincadeira”, “agora não é hora de brincar”, “só vai poder brincar depois da tarefa” como se a “desordem” causada pelas brincadeiras se opusesse de forma inerente a ordem necessária que a escola “precisa” ter para ensinar e aprender, fazendo assim uma separação entre o ser criança e o aluno.

Durante uma atividade realizada em sala de aula, após o termino da tarefa que as crianças estavam realizando de pintura, a professora colocou as cadeiras para o lado direito da sala, e posteriormente pegou algumas para colocar no meio da sala, montando um círculo, as crianças apresentando uma certa curiosidade compreensível, comeram a perguntar:

- “Pra que é isso professora?”
- “O que a senhora vai fazer?”
- “É pra gente sentar aí?”
- Professora Lurdes: “Vai te sentar menino, quando eu terminar eu chamo vocês.”

(Nota de campo – 26/04/2018)

Ao terminar de arrumar a sala, a professora chamou as crianças para participarem da brincadeira, primeiramente explicando como iria se tratar dizendo o seguinte:

- Professora Lurdes: “Vai ser assim, eu vou cantar uma música, e quando eu parar vocês sentam e quem ficar em pé sai.”
- Ana: “Eu conheço essa brincadeira.”
- Professora Lurdes: “Então presta atenção e cala a boca.”
- Ana (baixou a cabeça e ficou em silencio)

(Nota de campo – 26/04/2018)

A professora então começou a brincadeira, começou a cantar primeiro devagar e gradativamente foi aumentando o ritmo da música, enquanto as crianças iam se apressando para sentarem nas cadeiras, todas muito eufóricas com a brincadeira, que promovia uma grande tensão e adrenalina em quem estava participando e assistindo e isso promovia uma “algazarra” na sala de aula, relativamente normal por se tratar de uma brincadeira que denotava adrenalina em todo o corpo. A professora confundindo a alegria das crianças com bagunça mandou parar a brincadeira e disse:

- Professora Lurdes: “Vocês não sabem brincar!”
- E continuou: “parecem um bando de bicho fazendo barulho!”
- É por isso que eu não gosto de fazer brincadeiras com vocês.”

(Nota de campo – 26/04/2018)

A brincadeira realizada pela professora com os alunos foi uma tentativa frustrante de seduzi-los para um determinado fim, que no momento ficou explicito ser um passa tempo enquanto os pais não chegavam para buscar os filhos, porém, a tentativa não teve êxito pelo fato de as crianças não terem participado do processo de definição do tema da brincadeira, e muito menos pelo processo de desenvolvimento da mesma. Wajskop (1995, p. 25) aponta em seus escritos que [...] a brincadeira aparecia como um elemento de sedução oferecido à criança. Nesse tipo de atividade as crianças não possuem a iniciativa de definirem nem o tema, nem os papeis, nem o conteúdo e nem mesmo o desenvolvimento da brincadeira [...].

Com isso foi possível observar que a brincadeira quando aparece como uma atividade controlada pelo professor para seduzir a criança, acaba por perder toda a graça, e conseqüentemente por entediá-los.

Rosa (1988, p. 28) Através da brincadeira infantil organizada de forma independente do adulto, as crianças poderiam exercer sua posição social, reiterativa e criadora do trabalho total da sociedade na qual estão inseridas. Por isso é importante que a criança tenha seu momento de brincar livre, sem a supervisão de um adulto, para que assim possam ter o seu espaço de interação e troca de saberes, pois o não saber no momento da brincadeira vai se tornando aprendido.

Ao observar a sala de aula, livre da supervisão da professora, enquanto a mesma precisava ir à secretaria por alguns instantes, é possível observar a junção imediata das crianças para brincarem, os meninos brincavam de um lado, e as meninas se juntavam para brincar de outro. Na maioria das vezes os meninos costumavam brincar juntos de futebol, e as meninas tiravam suas bonecas para brincarem juntas.

Mediante a observação era possível visualizar as mais diversas interações entre seus pares, as meninas de um lado com suas bonecas diziam:

Ana (5 anos): “Eu sou a Ana, vou para o shopping de onibus.”

Elza (5 anos): “Amiga, espera! Eu vou também.”

Branca de Neve (5 anos): “Eu como tenho dinheiro, vou de carro”.

Cinderela (5 anos): “Me dá uma carona?”.

Ao observar de longe a brincadeira das crianças enquanto a professora não estava em sala de aula, foi possível notar que a brincadeira que ali estava, era o brincar social, uma vez que explicitou o grau em que as crianças estavam interagindo umas com as outras. E por meio do objeto brinquedo elas puderam vivenciar uma situação imaginária oriunda de práticas que costumam vivenciar em seu cotidiano, tornando-se possível devido ao brinquedo.

É por meio da brincadeira que a criança é levada a agir num mundo de fantasias estabelecido através dos elementos imaginários presentes na brincadeira e não nos elementos reais. Como confirma Vygotsky (1999, p. 123) “a situação imaginária não era considerada como uma característica definidora do brinquedo em geral, mas era tratada como um atributo de subcategorias específica do brinquedo”.

Ainda segundo esse autor outra característica do brinquedo é a imitação, que ocorre pelo processo de interação da criança com outras pessoas, isso se dá quando a criança por meio do ato de brincar imita situações vividas em seu cotidiano, como foi o caso da brincadeira relatada acima, a partir do momento que a criança passa a incorporar falas características de sua interação com o adulto, esta usa o brinquedo como um meio de reviver uma determinada situação já vivenciada outrora.

Em contrapartida os meninos, do outro lado da sala de aula, brincavam de futebol, um tipo de jogo que de acordo com Vygotsky é chamado de brincadeira de regras, que envolve desde regras de comportamento, conduta e modos de agir.

Ao observar mais de perto, notei que entre eles haviam combinados para que todos soubessem esperar sua vez, além disso, havia crianças que se destacavam no momento de falar, ditando as regras da brincadeira como se fossem os “líderes” de modo que as características da brincadeira eram semelhantes às do jogo convencional.

Homem Aranha: “ tu fica no gol, vai pra lá e tu homem formiga, fica no meio, eu vou ficar aqui ”. (disse, dando as regras do jogo)

Homem Formiga: “ Eu nao queria ficar no meio! (Exclamou chateado)

Wolverine (5 anos): “Vamos brincar logo.”

(Nota de campo – 27/04/2018)

Nas mais diversas brincadeiras, a criança passa a adquirir valores morais e atitudes que implicam como o universo social se constitui, além disso, no momento da brincadeira ela passa a se apropriar de limites que são estabelecidos pelas brincadeiras com regras, ajudando assim, na internalização de regras sociais. Como ressalva Wajskop (2001, p. 35)

Portanto a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e conteúdos temáticos.

O brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança, além de auxiliar na sua capacidade imaginativa já existente por natureza, ajudando na socialização entre seus pares.

Logo a brincadeira auxilia tanto na aprendizagem, quanto na interiorização de valores, toda criança brinca, e a qualquer momento seja com um lápis que vira uma pessoa, seja com uma borracha que se transforma em um carro, segundo Brougère (2004) a brincadeira é uma espécie de mutação do sentido, da realidade, ou seja, as coisas, os objetos transformam-se em outras. Na

brincadeira os objetos se apresentam com um significado diferente daquele que possuem.

Assim a cultura de pares, acontece de forma natural por intermédio de brincadeiras que se constituem em situações privilegiadas, seja de socialização, imaginação, apropriação de valores morais, apropriação de regras e comportamento para além de sua idade. Segundo Vygotsky (2007) apud Wajskop (1995, p. 36) é na brincadeira que a criança se comporta além do seu comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário.

A brincadeira é um espaço privilegiado para que aconteça uma aprendizagem significativa, o que muitos professores não estão sabendo aproveitar em suas salas de aula, como deveria, é perceptível a visão que alguns fazem da brincadeira, preferem passar tarefas ao invés de brincar com os alunos, e assim construir um espaço de diálogo e aprendizagens mutuas.

O brincar não é apenas um momento de recreação, diferente do que muitos pensam, é uma das formas mais complexas que a criança tem para se comunicar consigo mesma e com o mundo a sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade juntamente com pesquisas e estudos contribuíram para um novo olhar sobre a infância, a mesma que outrora era vista com descaso, e uma fase que precisava ser aligeirada, agora tem seu espaço reconhecido, e suas especificidades respeitadas. Foi a partir desse olhar que adentramos a escola caracterizada aqui por uma pré-escola localizada na zona centro-sul de Manaus, para ouvir as vozes dos sujeitos da pesquisa.

O objetivo desse trabalho foi compreender os modos de brincar e as interações entre as crianças, assim como a percepção do professor em torno da cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola. Nossa investigação contou com observações realizadas em sala de aula e no refeitório durante o recreio, além de uma entrevista livre realizada com a professora da classe.

A investigação revelou uma visão equivocada que a professora faz sobre a infância, uma vez que ela acredita ser uma fase livre de medos, anseios ou preocupações, acreditando ser uma fase apenas para brincar e ser feliz. Além disso pode-se perceber nas observações que foram realizadas, que a professora profere um discurso diferente de sua prática, sendo observado que a mesma tolhi as crianças em suas brincadeiras, confundindo bagunça com o ser criança, e assim acaba por recrimina-las em suas brincadeiras.

As crianças, livre da supervisão da professora, brincam, gritam, correm e interagem entre seus pares, criam e recriam sua própria cultura, partindo de elementos da cultura adulta, pois observou-se que as crianças em contato com seus pares, partilham valores, anseios, medos e preocupações, isso se torna visível a partir de um olhar demorado no momento de suas brincadeiras.

Reiteramos que a pré-escola vive um momento de conflito no discurso que professa, notando-se que a escola tem se preocupado muito mais com o aluno do que com a criança, demonstrando desse modo a negação dos direitos do ser criança e assim poder viver sua infância. Dessa maneira ansiamos pelo momento em que a pré-escola desperte para o pequeno ser que abriga em seus cuidados durante poucas horas, não permitindo que este venha se perder no trato exclusivo do aluno.

Acreditamos que a brincadeira é uma atividade que precisa ser entendida e compreendida em suas várias facetas, não se limitando apenas ao olhar de uma atividade natural da infância, mais sim, um espaço em que a criança interage, desabafa, adquire valores, regras de comportamento e cria uma cultura própria, por isso é importante que professores e a sociedade de modo geral compreenda que no ato de brincar a criança não está exercendo apenas o ser criança, mais do que isso, ela está expressando e criando a partir de uma cultura lúdica seu próprio aprendizado.

A pesquisa em sua totalidade contribuiu no acúmulo de novos conhecimentos e um olhar mais sensível de uma atividade natural da infância, mais se vista de uma outra ótica, revelam lições e ações que as crianças apresentam nas brincadeiras, e como tudo o que fazem merecem atenção, cuidado, carinho e respeito.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ARIÈS, Philippe (1983) **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BROUGÈRE, Gilles, **A criança e a cultura lúdica**. Pioneira: São Paulo, 1998.
- CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DARIO, Fiorentini **investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos/** Dario Fiorentini, Sergio Lorenzato, - 3.ed. ver.- Campinas, SP: Autores associados, 2012. – (Coleção formação de professores)
- FORTUNA, T. R. **Jogo em aula: recurso permite repensar as relações de ensino aprendizagem**. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 75, p. 1519, jul/set. 2003.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, Cortez, 2008.
- MARAN, J. Montessori: **uma educação para a vida**. São Paulo: Loyola, 1977.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- MATOS, Olgária 1993. **A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna.
- MATTOSO, Katia de Queirós. O filho da escrava. In DEL PRIORI, Mary (org) **História da criança no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1992. P. 76-97.
- MOURITSEN, Fleming. **Child Culture – Play Culture**. Denmark: Departamento f Contemporary Cultural Studies, 1998.
- DESLANDES, Suely Ferreira, NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza- (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**;– Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RAMOS, T. El Joc. Revista infância: Revista de La Associacòn de Maestros Rosa Sensat, Barcelona, 127: 6-14, Jul/ago.2002.

ROSA, Sanny S. da. **Brincar, conhecer e ensinar**. Cortez, 1998. Coleção: Questões da nossa época, n. 68.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, ano 12, n.21, p. 51-70, jul/dez.2003.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1975.
A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: LTC. 1982.